Relação e recriação no imaginário poético de Sony Ferseck

Uma leitura de *Weiyamî – Mulheres que fazem sol*

Rita OLIVIERI-GODET

ERIMIT-Université Rennes 2 Institut Universitaire de France

DOI : https ://doi.org/10.17184/eac.9251

Resumo: Leitura crítica da coletânea de poemas Weiyamî – Mulheres que fazem sol (2022), de autoria de Sony Ferseck, de origem makuxi. O ensaio destaca o processo relacional da escrita de Ferseck que se traduz no diálogo que a voz poética estabelece com as textualidades indígenas do circum-Roraima, inovando o discurso poético letrado, problematizando a questão da autoria, além de abraçar uma perspectiva cosmogônica integrativa que recusa a dicotomia natureza-cultura.

Palavras-chave: Sony Ferseck. Weiyamî – Mulheres que fazem sol. Literatura indígena contemporânea no Brasil. Textualidades indígenas.

1 Poesia e artes verbais indígenas

A criação poética de Sony Ferseck[1], marcada pela inscrição de sua voz no concerto das versões das narrativas indígenas tradicionais, tensiona a construção do sujeito lírico no diálogo que estabelece com elementos da cosmossocialidade makuxi manifestados nas textualidades indígenas do circum-Roraima[2]. A poesia de Sony Ferseck tem o mérito de inserir, na contemporaneidade da produção poética brasileira, visões indígenas ancestrais, transmitidas oralmente durante séculos, através dos cantos, das narrativas, dos rituais de dança e de cura, múltiplas histórias que organizam a vida nas comunidades indígenas. Diferentemente da tradição literária escrita ocidental,

[1] O texto deste ensaio retoma, atualiza e amplia a resenha intitulada "*Weiyamî – Mulheres que fazem sol*: o ritual poético de Sony Ferseck", publicada pela Revista Diadorim (UFRJ), v. 24, n. 1 (2022, 523-529).

[2] A região circum-Roraima corresponde ao entorno do Monte Roraima, marco da tríplice fronteira Brasil-Guiana-Venezuela, como assinala Fábio Almeida de Carvalho seguindo a nomenclatura utilizada no campo etnográfico e antropológico. Ver Fábio Almeida de Carvalho, *Descentralização da vida literária*, 2021, 29.

a autoria dessas narrativas é coletiva e não individual. O diálogo que Ferseck estabelece com as poéticas indígenas renova e torna mais complexo o discurso poético letrado ocidental, apostando numa escrita relacional e tirando proveito dos efeitos imprevisíveis do imbricamento entre culturas heterogêneas. O processo de recriação das artes verbais tradicionais funda uma poética da relação que implica uma intensa e complexa atividade de tradução das dimensões cultural e linguística das palavras em makuxi, incorporadas aos poemas, seguidos, na sua maioria, de notas esclarecedoras que situam, sucintamente, a transposição do registro oral para o escrito do canto ou da narrativa que originou o texto poético. Desse processo, resulta uma dicção poética extremamente bela e original que funda sua diferença na reapropriação da palavra ancestral, deletada da memória ocidentalizada, para fazê-la renascer pelo prisma do sujeito lírico. Sony Ferseck trilha o caminho da renovação da linguagem poética, inspirando-se nas cosmologias indígenas.

Em entrevista concedida por ocasião da inclusão do seu livro entre os finalistas do 65º Prêmio Jabuti, Sony Ferseck confirma o caráter relacional de sua poesia, elaborada nas intersecções entre oralidade e escrita, fazendo convergir voz coletiva e individual: "As culturas indígenas nesta obra são o coração, a voz, a letra, a linha. Nela queríamos apresentar o encantamento do mundo, a capacidade de atravessar outras vidas e chegar a outros tempos que os mais velhos já sabiam, mas que precisamos reaprender" (Ferseck, Entrevista, 2023)[3].

Em *Weiyamî – Mulheres que fazem sol*, o ato de escrever reveste-se do sentido de adesão simbólica ao universo do imaginário coletivo makuxi, inserindo o corpo-território no espaço da memória cultural, entoando cantos de cura, de resiliência e de ressurgência identitária; escrever como um ato ritualístico de identificação e abertura ao outro; escrever para criar uma relação íntima com o outro, para reconhecer-se no outro, instaurando uma relação de intimidade vivida pelo corpo, que se traduz pelo sentimento de *estar em casa no outro* ("*être chez soi dans l'autre*", Hegel *apud* Foessel, 86). Na esfera íntima desse movimento de tornar-se outro, de traduzir-se em muitos outros, Foessel constata que a alteridade cessa de ser percebida como adversidade. O poema brota desse espaço intervalar e relacional, lugar de habitabilidade do eu poético em deslocamento, consciente do fato de que "Subjetivar-se é pôr-se frente a um outro; subjetivar-se seria outrar-se" (Martins, 2020, 15). Alquimia rimbauldiana do verbo que hospeda um outro "acolhendo-o: o outro sou eu" (Martins, 2020, 129).

Os poemas de Sony Ferseck[4] reunidos em *Weiyamî – Muheres que fazem sol* (2022) e as ilustrações que reproduzem os bordados da artista makuxi, Georgina Sarmento, compõem uma coreografia – arrebatadora, insólita e exuberante – de letras, cores, línguas, e grafismos, para erigir uma "poética de vida" (Krenak, 2021) fusionada às poéticas orais makuxi, destacando o protagonismo das mulheres indígenas. Os tex-

[3]São Paulo Jornal, 23/11/2023.https://saopaulojornal.com.br/noticia/110292/livro-de-escritora-makuxi-finalista-no-premio-jabuti-reune-poemas-sobre-mulheres-indigenas.html

[4]Sony Ferseck (1988-), jovem escritora de origem makuxi, co-fundadora, junto com Devair Fiorotti, da editora Wei – a primeira editora independente de Roraima –, é formada em Letras pela Universidade Federal de Roraima e leciona no Instituto Insikiran de Formação Superior da mesma universidade. Doutora pela Universidade Federal Fluminense, Ferseck publicou três coletâneas de poemas: *Pouco verbo* (2013); *Movejo* (2020) e *Weiyamî – Mulheres que fazem sol* (2022). Com *Weiyamî*, a autora ficou entre os dez finalistas na categoria poesia no 65º Prêmio Jabuti (2023).

Published in : AMANCIO, Angélica ; GUERELLUS, Natália ; QUINTANA, Cécile (dir.), *Art, femmes et colonialités en Améfrique ladine. Arte, mulheres e colonialidades na Améfrica Ladina / Arte, mujeres y colonialidades en Améfrica Ladina*, Editions des archives contemporaines, ISBN: 9782813005359, doi: 10.17184/eac.9782813005359

tos poéticos homenageiam as múltiplas facetas das filhas de Wei, "mulheres infinitas" (Ferseck, 2022, 41), grávidas de histórias e de lutas; seres que habitam diversas dimensões do mundo, tecendo o fio entre o passado e o presente: "Na terra de Makunaima / Sou mulher Makuxi / Sou filha e mãe de Roraima." (Ferseck, 2022, 51). "Mulheres que fazem sol" e que apesar da violência do processo de desterritorialização e de imposição cultural ainda têm força para percorrerem o caminho da reconstrução, sendo a atividade literária e artística uma das formas de resistência: "A arte foi uma dessas maneiras de reencontrar esse encantamento e saber que apesar de aparentemente sermos apenas uma e estarmos sós, nunca fomos apenas uma nem estamos sozinhas", afirma Ferseck (Entrevista de 23/11/2023, 2023, citada acima).

Reputo a beleza misteriosa e impactante da imaginação criadora de Sony Ferseck à consciência que ela possui da linguagem como processo de subjetivação e de estabelecimento de relação, inaugurando um imaginário de ampliação do eu e de expansão do corpo que abarca as interações entre o humano e o não humano, em consonância com os fundamentos do pensamento ameríndio, tomando como referência maior as artes verbais indígenas da região do circum-Roraima. A autora nos lembra, mais uma vez, dessa feita em seu trabalho de investigação sobre cantos e narrativas Makuxis, no multiverso indígena das artes verbais, que "a pessoa nunca é uma só nem está sozinha" (Ferseck, 2023, 6); as palavras "quando cantadas, proferidas e mesmo escritas trazem consigo as palavras das gentes outras" (Ferseck, 2023, 9).

2 Poesia, relação, tradução

Observa-se que a perspectiva relacional que identificamos na poesia de Sony Ferseck está ancorada no movimento de "abertura para o outro" característico do perspectivismo ameríndio tal qual o concebe Viveiros de Castro. Ao refletir sobre os mitos cosmogônicos ameríndios, o antropólogo aponta para uma "afinidade relacional" em vez de uma "identidade substancial" (Viveiros de Castro, 2002, 202). Por esse viés, é possível aproximar o perspectivismo ameríndio da concepção filosófico-poética de Edouard Glissant (1990; 1996), um dos escritores que se insurge contra o universalismo abstrato e a ótica identitária essencialista que enformam as matrizes conceituais do Ocidente. A Poética da Relação glissentiana implica a aceitação em transitar em mundos diversos, sem se esquivar ao confronto de ontologias. Segundo o ponto de vista do autor martinicano, as relações se realizam no caos dos confrontos (Glissant, 1990, 90), engendrando um imaginário que abrange as implicações complexas da contaminação das diferenças e incorpora a dimensão instável e imprevisível do Caos-mundo. A abordagem glissentiana realiza um movimento de descolonização epistêmica, com o objetivo de apreender a complexa trama do fenômeno de crioulização, produtor de novas identidades. Para refletir sobre as conexões entre linguagem, imaginação e poética, na leitura dos poemas de Ferseck, recorrerei ainda aos elementos de uma "Poética Xamanística" (Cesarino, 2011; Faleiros, 2019) que também nos oferecem subsídios para examinar uma produção assentada na dimensão relacional do processo de apropriação cultural.

Assim, se a origem dos cantos-poemas de Ferseck encontra-se na incorporação de registros poéticos, metafóricos e imagéticos, inspirados na cosmogonia makuxi, o eu

Published in : AMANCIO, Angélica ; GUERELLUS, Natália ; QUINTANA, Cécile (dir.), *Art, femmes et colonialités en Améfrique ladine. Arte, mulheres e colonialidades na Améfrica Ladina / Arte, mujeres y colonialidades en Améfrica Ladina*, Editions des archives contemporaines, ISBN: 9782813005359, doi: 10.17184/eac.9782813005359

poético os integra à sua própria subjetividade, dedicando-se a uma operação de tradução, entendida como uma transformação estética e dinâmica, contribuindo, dessa maneira, para o processo de metamorfose ao qual as narrativas míticas estão sujeitas (Martins, 2020). Compartilha experiências herdadas da matéria indígena ancestral, afirmando a consciência do pertencimento e o desejo do reencontro que impulsionam o caminho da auto-reconstrução ontológica paralelamente ao da reconstrução identitária ameríndia. Esta é a *via* escolhida por Sony Ferseck para inserir-se no contexto atual do movimento de renascimento das culturas dos povos originários e de sua incorporação na produção cultural da sociedade nacional: à singularidade na expressão da reterritorialização simbólica que a escrita instaura, alia-se a densa carga emocional que transparece na evocação lírica do eu trespassado pelos sentimentos de amor e de dor. A conjugação das dimensões individual e coletiva do amor, da dor e do desejo explora uma *intimidade relacional*, instaurando a fricção entre identidade e alteridade que funda a complexa polifonia enunciativa dos poemas. O tom encantatório do sujeito da enunciação transita poeticamente entre cantos e narrativas das artes verbais de povos indígenas da região do circum-Roraima, instituindo um movimento de identificação e de abertura ao outro com o intuito de tecer e estabelecer relações "entre as diversas gentes do cosmos" (Ferseck 2023, 104). Uma "poética da movência" (Faleiros, 2019, 68), polifônica, semelhante ao processo de acolhimento da palavra alheia característico do discurso xamanístico.

Na obra *Oniska* (2011), dedicada ao estudo da poética do xamanismo na Amazônia, Pedro de Niemeyer Cesarino retoma o conceito de "transposição criativa" (Jakobson, 1963) para se referir à recriação poética de cantos e narrativas indígenas. Cesarino observa que a poética xamanística "constrói seu sentido em um interminável comentário sobre o parentesco sociocósmico, nos diálogos e mensagens que atravessam um campo indefinido de relações, já que os sujeitos, aqui, são necessariamente estrangeiros uns aos outros" (Cesarino, 2011, 129). As reflexões de Cesarino ajuda-nos a perceber a complexidade da voz autoral na fatura dos poemas de Ferseck que reelaboram as artes verbais indígenas. A essas pistas teóricas que embasam meu percurso crítico, acrescento a tese de doutorado que Sony Ferseck dedicou às bases cosmológicas das artes verbais indígenas da região do circum-Roraima (Ferseck, 2023), destacando a mudança de perspectiva necessária à sua apreensão:

> As produções verbo-artísticas dos povos indígenas exigem de quem se debruça sobre elas um grande exercício de mudança de perspectivas. A primeira talvez seja a de assumir que a pedra de base, que fundamenta essa literatura outra, não está assente no mesmo suporte nem no mesmo material gráfico que os canonizados tradicionalmente pelas literaturas consideradas ocidentais, ou seja, pelo livro e pela letra alfabética.
>
> (Ferseck, 2023, 103)

Na sua pesquisa, a autora posiciona-se a favor de um sentido abrangente de literatura no que diz respeito à abordagem das artes verbais indígenas, pelo simples fato de que elas não ficam limitadas à expressão escrita. Por esse motivo atribui uma acepção ampla à palavra, entendida como "a menor unidade de significado e de materialização

Published in : AMANCIO, Angélica ; GUERELLUS, Natália ; QUINTANA, Cécile (dir.), *Art, femmes et colonialités en Améfrique ladine. Arte, mulheres e colonialidades na Améfrica Ladina / Arte, mujeres y colonialidades en Améfrica Ladina*, Editions des archives contemporaines, ISBN: 9782813005359, doi: 10.17184/eac.9782813005359

da arte verbal para os povos indígenas", ressaltando seu caráter multiforme "seja ela cantada (cantos), contada (narrativas), encantada (palavras de cura, rezas), reencantada (a que vem sendo chamada de Literatura Indígena Contemporânea)" (Ferseck, 2023, 104). O estudo de Ferseck fornece várias pistas para apreender a complexidade da própria produção poética da autora que explora a pluralidade de formas na recriação poética de cantos e narrativas indígenas em *Weiyamî*.

3 Poesia e ritual xamânico: travessias

Leio os poemas de Sony Ferseck como uma espécie de ritual xamânico que permite o acesso às visões oníricas, às imagens complexas que articulam o visível e o invisível; um ritual canibalístico na medida em que absorve e se impregna dos elementos para transformá-los, recorrendo ao poder encantatório da linguagem. Na *rêverie* poética, as imagens cósmicas privilegiadas, segundo Bachelard, tecem laços entre o ser humano e o mundo (Bachelard, 1993, 162). O eu poético, nutrindo-se da matéria mitológica makuxi, invoca sonhos, visões, profecias, objetos rituais, mitos, plantas, peixes, pássaros, elementos da natureza, reincarnando a tradição através do resgate das imagens identitárias da comunidade; ao mesmo tempo, reatualiza essas imagens na sua dicção original e híbrida, colocando em diálogo o imaginário das línguas. Percorre, dessa maneira, sem abdicar de sua singularidade, um caminho trilhado por vários escritores indígenas das Américas, cujas obras, enraizadas em sua herança ancestral, abrem-se simultaneamente às formas artísticas da contemporaneidade imediata, desvelando novas modalidades de percepção do real e de expressão literária. É o que deixa transparecer a voz pujante que emana dos poemas, portadora de temáticas e de esquemas simbólicos, rítmicos, visuais e formais inovadores. Alimenta-se da cosmogonia makuxi que se manifesta nas artes orais dos cantos tradicionais indígenas (*eren* e *paximara*), nas palavras encantadas de cura (*taren*), nas narrativas orais (*panton*). Essas "poetnicidades orais" (Devair Fiorotti, 2018) constituem os alicerces do ritual de travessia que o eu poético efetua, buscando se libertar do medo e das angústias da noite/*Ewaron* para caminhar em direção ao sol/*Wei*.

Na poesia de Ferseck ecoam as artes verbais indígenas de povos que vivem no extremo norte do Brasil, na região das fronteiras. *A* voz enunciativa desdobra-se, atravessada por múltiplas experiências, disponibilizando seu corpo-território para diversas vivências. É o que se observa no poema "Ka'sana' yensi", abaixo reproduzido, resultado do processo de reinvenção poética da história do Urubu-Rei (Ka'sana'), como a própria autora assinala em nota acrescida ao poema.

Meu corpo-voo
Atravessa a água
Do lago do Rei
Roupa indecidível
De liberdade
Império do céu
Que herdarei

Published in : AMANCIO, Angélica ; GUERELLUS, Natália ; QUINTANA, Cécile (dir.), *Art, femmes et colonialités en Améfrique ladine. Arte, mulheres e colonialidades na Améfrica Ladina / Arte, mujeres y colonialidades en Améfrica Ladina*, Editions des archives contemporaines, ISBN: 9782813005359, doi: 10.17184/eac.9782813005359

-UYENSI! uyensi!
Meu pai-ave
No limite entre
As águas
Meu corpo-asas
Em carne crua
Se desfez.
-UYENSI! uyensi!
Meu corpo-gente
Prova do corpo
Que a terra fermenta
Kîsera'
Cozinha o sangue
Que a maniva verte
Kumaasi
Prepara o fogo-sol
Da comida das gentes
Tuma
-UYENSI! uyensi!
Meu corpo-círculo
Também dança
As filhas de Wei
Me ensinam
O canto-dança
da palha
Parisara.
Meu corpo-eu
Vem vindo
Como enfeite
Como gente
Como bicho
Venho vindo.
("*Ka'sana' yensi*", 2022, 26)

Published in : AMANCIO, Angélica ; GUERELLUS, Natália ; QUINTANA, Cécile (dir.), *Art, femmes et colonialités en Améfrique ladine. Arte, mulheres e colonialidades na Améfrica Ladina / Arte, mujeres y colonialidades en Améfrica Ladina*, Editions des archives contemporaines, ISBN: 9782813005359, doi: 10.17184/eac.9782813005359

A maior parte dos poemas são acompanhados de notas que traduzem para o português o vocabulário makuxi e/ou precisam o canto ou a narrativa que os inspiraram. A nota que acompanha o poema "*Ka'sana' yensi*" identifica a história que dá origem ao processo de transcriação poética da autora.

> A história do Urubu-Rei (Ka'sana') conta sobre o homem
> que casou com a filha do Urubu-Rei (Ka'sana' yensi) de
> duas cabeças e das tarefas desafiadoras que o sogro impõe ao genro como parte daquela forma de estabelecer
> as relações de parentesco mais antigas, ouvi essa história
> de Caetano Raposo (1945 – 2016), mestre makuxi, que foi
> por muitos anos tuxaua da comunidade da Raposa, Terra
> Indígena Raposa Serra do Sol.
> (Ferseck, 2022, 26)

O texto poético recria o *panton* do Urubu-Rei (Ka'sana'),[5] uma das narrativas míticas que representam a convivência e a interdependência de todos os seres humanos e não-humanos. A linguagem do poema é concebida no intervalo entre a ótica do coletivo e do indivíduo, correspondendo ao princípio de subjetivação do objeto que a arte, na visão de Eduardo Viveiros de Castro, comunga com o chamanismo (Viveiros de Castro, 2002, 489). O poema "*Ka'sana' yensi*" é uma perfeita ilustração da complexidade da poesia de Sony Ferseck que conjuga o caráter pessoal dessa relação com os fundamentos culturais herdados, conduzindo o leitor a repensar a própria noção de autoria. Obriga-o, dessa maneira, a levar em conta o processo de tradução transcultural das narrativas míticas que seus textos inauguram, fusionando sua voz com as da tradição da ancestralidade indígena. O poema realiza um deslocamento importante em relação ao *panton*, uma vez que seu título nomeia a filha do Urubu-Rei (Ka'sana' yensi), "a filha da grande ave". Sendo assim, no jogo enunciativo do poema, a função do sujeito lírico é preenchida por uma voz feminina que se desdobra em múltiplas gentes, humanos e não humanos.

O processo de recriação instaura um tom encantatório tecendo relações entre o sol, a água, a terra, "as diversas gentes do cosmos" (Ferseck, 2023, 104), permeado por um corpo em constante metamorfose, capaz de assimilar o outro. O princípio de organização do poema fundamenta-se no paralelismo, figura de repetição que, devido à retomada regular de uma forma, adapta-se bem à associação aos grandes ritmos cósmicos que por sua vez também apontam para a tensão entre o mesmo e o outro. Cada estrofe do poema é inaugurada com o paralelismo da expressão "Meu corpo" conjugada a diversos elementos: "Meu corpo-voo"; "Meu corpo-gente"; "Meu corpo-círculo"; "Meu corpo-eu". A segunda estrofe constitui uma exceção, iniciada pelo

[5]Na sua tese sobre a poética makuxi, Sony Ferseck precisa que "o responsável e idealizador do projeto Panton Pia'(CNPQ 2006-2020) foi o professor doutor Devair Antônio Fiorotti. Os interlocutores do projeto eram indígenas habitantes de comunidades pertencentes às Terras Indígenas São Marcos e Raposa Serra do Sol, em Roraima, extremo-norte do país." (*Ferseck, 2023, 26).*

Published in : AMANCIO, Angélica ; GUERELLUS, Natália ; QUINTANA, Cécile (dir.), *Art, femmes et colonialités en Améfrique ladine. Arte, mulheres e colonialidades na Améfrica Ladina / Arte, mujeres y colonialidades en Améfrica Ladina*, Editions des archives contemporaines, ISBN: 9782813005359, doi: 10.17184/eac.9782813005359

verso "Meu pai-ave", reservando para o quarto verso – "Meu corpo-asas" – o recurso estilístico da repetição anafórica. As estrofes se respondem e se expandem, apontando para o caráter múltiplo e intercambiável do sujeito lírico, dando lugar a figurações das relações cosmossociais. O processo de repetição paralelística da expressão geradora é frequente nos cantos, como observa Ferseck (2023, 117). A repetição da expressão "Meu corpo" cria, formalmente, o efeito de eco, elemento ao qual o *panton* do Urubu-Rei também alude, integrando a história de sua origem, segundo a observação de Sony Ferseck:

> O pássaro em questão trata-se de *Ka'sana,* ou pai dos urubus, cuja morada localizar-se-ia no céu. A grande águia bicéfala cuja cabeça menor repete a fala da cabeça maior ao final de toda e qualquer fala, dando em decorrência disso origem também ao eco (grifo nosso). Para o reino de Urubu Rei um indígena é levado para então conhecer o sogro e cumprir algumas incumbências geradas pelo casamento do homem com a filha da grande ave. Uma destas incumbências é a de secar o Lago do Piri-piri, o que o homem consegue com a ajuda de insetos e pássaros, narrativa contada por Caetano Raposo, indígena Makuxi, da comunidade Raposa, Terra Indígena Raposa Serra do Sol publicada na obra *Ka'sana pantonî – A história do Urubu-Rei* (RAPOSO, 2023).
>
> (Ferseck, 2023, 104)

O texto poético de Ferseck acolhe os elementos da narrativa makuxi tradicional, recorrendo à imagística cosmológica e às referências culturais e linguísticas da matriz indígena (maniva; Parisara; dança; palha; terra; sol…), sem, no entanto, restringir a linguagem poética à função descritiva. A apropriação e veiculação do universo cultural makuxi não exclui a dimensão subjetiva do sujeito lírico. A recriação poética fundamenta-se numa complexidade enunciativa que compreende a tensão entre veiculação e visão (Risério 2021, 88 apud Ferseck 2023, 109), de maneira semelhante ao discurso xamanístico. O recurso que surpreende e inova diz respeito à permeabilidade do sujeito lírico, dando origem a um canto que se quer eco e desvio, sempre em movimento: "Meu corpo-eu / Vem vindo / Como enfeite / Como gente / Como bicho / Venho vindo". O lugar ocupado pelo sujeito poético é o do deslocamento, lembrando-nos sempre que subjetivar-se implica em outrar-se. Observa-se que no processo de transposição poética da narrativa "Ka'sana" para o poema "Ka'sana' yensi", empreendido por Sony Ferseck, a autora promove o trânsito entre mundos diversos, em consonância com uma perspectiva identitária relacional como aponta a constante redefinição das identidades que se apresentam abertas e moventes. Um caminho de convergência entre mundo letrado e comunidades tradicionais que Edouard Glissant já vislumbrara (1996, 48), segundo nos lembra Fábio Almeida de Carvalho (2021, 153).

Articulado a esse princípio e em sintonia com produções de outras escritoras ameríndias (Olivieri-Godet, 2020), o poema "*Pi'pu"* (que significa "vagina" na língua makuxi) reflete a onipresença do arquétipo feminino, remetendo à imagem primordial da criação da vida. A própria arquitetura formal do texto, fundada na figura da re-

Published in : AMANCIO, Angélica ; GUERELLUS, Natália ; QUINTANA, Cécile (dir.), *Art, femmes et colonialités en Améfrique ladine. Arte, mulheres e colonialidades na Améfrica Ladina / Arte, mujeres y colonialidades en Améfrica Ladina*, Editions des archives contemporaines, ISBN: 9782813005359, doi: 10.17184/eac.9782813005359

petição da palavra "*Pi'pu"*, confere centralidade ao órgão reprodutor feminino, fonte de vitalidade, sentido este reforçado pela ilustração de Georgina Sarmento. O poema explora o simbolismo erótico, apoiado na experiência sensorial do espaço, conectando o eu lírico com as forças da natureza: "Pi'pu / tirar / do canto / do voo / e da pluma / o pouso / o sexo" (Ferseck, 2022, 13). "*Pi'pu"* resulta da transfiguração poética de um *taren*, palavras encantadas de cura, que, neste caso, inspira-se em uma reza que "chamando vagina de mulher", pede proteção para o pai da criança quando este tem de voltar a trabalhar: "Enquanto a fonte [a vagina] está ainda de resguardo / Enquanto tá perto o bebê, vou trabalhar" (Fiorotti, 2018, 109-111). Nota-se que a re-apropriação poética da memória do território geocultural dos ancestrais não se realiza pela simples representação objetiva de seus componentes, mas pela reconfiguração do material etnológico e linguístico, fomentando novos sentidos.

Escrever para tirar "Da palavra / Vida." ("*Pi'pu", 2022, 13*), para renascer pela palavra, "cantar para não morrer". Insuflar vida, atravessar a noite e chegar ao sol, essa é a proposta da poética de vida, abraçada pela autora, em que o fim anuncia o recomeço, de acordo com a apreensão cíclica do tempo, um dos fundamentos cosmológicos comuns à vários povos originários, como aponta o historiador da etnia huroniana Georges G. Sioui: "a vida é circular e o círculo é o gerador da energia dos seres" (Sioui, 2005, 18). O caráter terapêutico da escrita transparece no belíssimo poema de abertura da coletânea, intitulado "Grande reencontro". No ritual de passagem em direção à luz que o poema instaura, a reconstrução da subjetividade do eu poético recorre à identificação com as filhas de Wei, as mulheres que fazem sol:

> Grande reencontro
> por sob o dourado
> a palha viva
> ornamento ocre
> do vento que passa
> por sobre as serras
> meu tom de terra
> me confunde o corpo
> cor de semente
> de sucupira
> Por sob a sombra
> o caminho e a pegada
> ardo em trilhas (de fogo)
> :Não existe o nada
> Por entre as mãos
> trabalho tuas mãos
> em minhas feito barro

Published in : AMANCIO, Angélica ; GUERELLUS, Natália ; QUINTANA, Cécile (dir.), *Art, femmes et colonialités en Améfrique ladine. Arte, mulheres e colonialidades na Améfrica Ladina / Arte, mujeres y colonialidades en Améfrica Ladina*, Editions des archives contemporaines, ISBN: 9782813005359, doi: 10.17184/eac.9782813005359

que se abrem
em dedos de cinza
fumaça, tabatinga e jenipapo
em tinta se fecham
em roda, canto, voz, meninas
Gesto gestos
meu lugar – junto – às irmãs
à Wei[6]
Assim me a – guardo
te a – guardo
em via.
(Ferseck, 2022, 9)
*Dizem que as filhas de Wei, da Sol, iluminam os caminhos
dos mortos pela Via Láctea, pelas plêiades, elas que
permitem o grande reencontro com os que já se foram.
Aguardo nelas. Em tempo, como neta de Wei, ela é quem
também me permite todo dia que me reencontre com o
povo Makuxi.
(Ferseck, 2022, 9)

O movimento do poema funde a perspectiva ancestral cosmogônica com a dimensão pessoal e sentimental de um "eu" que se dirige a um "tu" ausente, um "eu" atravessado pelo luto. O poema manifesta a complexidade da noção de autoria na poesia de Ferseck constituída por uma instância enunciativa que reivindica a identidade makuxi, conjugando a subjetividade da lírica amorosa às artes verbais dos povos indígenas.

As imagens fecundadas desdobram-se em musicalidade, intensificada pelo recurso ao paralelismo ("Por sob", "Por sobre", "Por entre") que introduz as referências à fusão do corpo aos elementos da paisagem geográfica e artístico-cultural makuxi, aproximando as gentes do cosmos, o humano e o não-humano. O poema é articulado como uma viagem rumo ao sol "centro irradiador da forma makuxi de perceber o mundo" (Ferseck, 2023, 7). A viagem pode ser comparada à experiência dos xamãs, um percurso rumo à revelação. Caminho (a ser inventado) e pegada (a ser seguida); é nessa encruzilhada que se situa a voz poética de Ferseck que se alimenta e recria o universo

[6]Nota da autora acrescentada ao poema:
"Wei: sol em Makuxi maimu. Dizem que Sol é sempre no masculino, mas para mim, ela é a Grande Avó, que mesmo em face das maiores ofensas e agressões que lhe temos causado, permanece nos permitindo existir sob seus territórios, nos ensinando, não sem rigores, que devemos reestabelecer nossos afetos com ela se quisermos durar um pouco mais sobre este planeta."
O poema é dedicado à grande autora potiguara Graça Graúna que, juntamente com Eliane Potiguara, pertence à primeira geração de escritoras indígenas que publicaram suas obras em português… as avós que abriram caminhos para a produção literária de jovens autoras indígenas no Brasil.

Published in : AMANCIO, Angélica ; GUERELLUS, Natália ; QUINTANA, Cécile (dir.), *Art, femmes et colonialités en Améfrique ladine. Arte, mulheres e colonialidades na Améfrica Ladina / Arte, mujeres y colonialidades en Améfrica Ladina*, Editions des archives contemporaines, ISBN: 9782813005359, doi: 10.17184/eac.9782813005359

makuxi, evocado através de múltiplas cores e texturas de seu território, fonte de inspiração para as gravuras de Georgina Sarmento que interagem com o texto poético. No seu trabalho de tese, Ferseck também chama a atenção para a interpenetração entre os territórios makuxis reais e imaginários, a exemplo da "poética do ocre" à qual ela se refere: "Além do ocre e dos tons de palha, outros elementos também colorem as palavras dos povos indígenas de Weiyamî pata' como o barro branco, o jenipapo e as cores iridescentes como as do arco-íris e das plumas do beija-flor" (Ferseck, 2023, 64). Esses elementos integram o universo poético da autora makuxi que se apropria do princípio da interdependência entre as gentes do cosmos, descentrando a perspectiva antropocêntrica da representação da natureza.

No poema "Grande reencontro", a distensão sintática intensifica a musicalidade do texto e contribui para o caráter encantatório da linguagem, semelhante a um canto xamânico perseguindo o caminho da cura. A poesia reelabora a dor, transfigura o luto referido na epígrafe e na nota, embora não explicitado no corpo do texto, uma vez que os elementos fragmentários da matéria da linguagem mantêm o sentido em suspenso. O poema se constrói enquanto possibilidade de fundamentar uma nova modalidade de habitabilidade psíquica (Harel, 2005) através do ato terapêutico da escrita que inaugura o caminho da cura, proporcionando o reencontro com as gentes makuxi e com o ser amado ausente: "meu lugar – junto – às irmãs / à Wei / Assim me a-guardo / te a-guardo / em via" ("Grande reencontro", 9). A lacuna deixada pela perda, propulsiona o sujeito poético a erigir um lugar de enunciação múltiplo, habitado por vários seres, numa atitude de acolhimento e de fusão com as gentes do cosmos, em sintonia com a complexidade do "eu" dos cantos tradicionais makuxi:

> Ou seja, esse *eu* cantado não pode ser compreendido unicamente enquanto índice de individualidade, uma pessoa previamente guardada, uma única pessoa. É o espaço do povo, Makuxi nesse caso, de Terêncio Luiz Silva, Zenita Lima, mas também do sol, da maniva, da terra e depois o *eu* de quem lê, canta ou escuta. O *eu* se atualiza junto com a enunciação, pela enunciação e pela escuta/leitura também. Poderíamos dizer que é um *eu* que congrega, que coloca na boca de quem entoa o canto e o irradia (Ferseck, 2023, 89).

Esse "*eu* que congrega", "que se atualiza junto com a enunciação" parece ser o que busca a poesia de Sony Ferseck ao aliar a complexidade do eu lírico à cosmovisão dos povos indígenas do circum-Roraima. No processo de construção do seu texto, não se trata somente de absorver a ideia de trânsito entre culturas, mas de alargamento da própria noção de cultura que, como a poeta destaca na sua tese, "abrangeria não apenas as culturas das gentes-humanas, mas também das gentes-animais, gentes-espíritos, gentes-minerais inclusive" (Ferseck, 2023, 112), espelhadas nas artes verbais indígenas. A reapropriação dos referentes culturais makuxi funda a reterritorialização simbólica do sujeito lírico. A tradução e transfiguração poética resultam do cruzamento de olhares heterogêneos sobre o mundo, engendrando uma reflexão sobre a própria natureza discursiva da poesia, tendência que se manifesta em vários poemas: "hoje já não me meço pelo / espelho / teço minha própria canção / que canto do alto

Published in : AMANCIO, Angélica ; GUERELLUS, Natália ; QUINTANA, Cécile (dir.), *Art, femmes et colonialités en Améfrique ladine. Arte, mulheres e colonialidades na Améfrica Ladina / Arte, mujeres y colonialidades en Améfrica Ladina*, Editions des archives contemporaines, ISBN: 9782813005359, doi: 10.17184/eac.9782813005359

de minha / garganta partida / repleta de silêncios / e pássaros vazios" (Ferseck, 2022, 34). O caráter metapoético da poesia de Ferseck interroga os limites da linguagem na sua complexa tarefa de trasladar e criar novos significados a partir de um olhar que se situa na encruzilhada de sistemas culturais: "Alcançar com as mãos / o útero da terra / percorrer com os dedos / a linguagem da terra / a fala das pedras / os grãos da voz / que a água acalenta / Tirar do pó o mistério da existência / matéria mesma das mãos nas mãos / das mães do barro / Koko'Non […]" (Ferseck, 2022, 37). A nota de pé de página, que acompanha o texto, além de traduzir palavras da língua makuxi integradas ao poema, esclarece o significado cultural de *Koko'Non*: "Vovó Barro que permite às mulheres mais velhas saber de seus conhecimentos e mistérios, quando da hora certa" (Ferseck, 2022, 37). O poema apropria-se da cosmogonia makuxi, encenando o processo de transmissão transgeracional da memória cultural ("[…] decoram as cantigas que encantam / de carinho as netas das netas que virão / a seguir") (Ferseck, 2022, 37). Adere aos princípios do universo cosmogônico makuxi, abraçando a concepção do círculo sagrado da vida e repercutindo narrativas etiológicas, dotando a terra de corpo, inteligência e espírito: "afagar entre os dedos / o barro que arredonda / as formas das gentes / da vida […]" (Ferseck, 2022, 37). Abraça a concepção da matriz feminina comum às cosmogonias de diferentes povos indígenas que consideram que "o espírito que rege a terra e produz materialmente a vida é feminino" (Sioui, 2005, 20).

Na articulação que a poesia de Ferseck implementa entre imaginário literário e elementos cosmogônicos makuxi (entre os quais Wei, a sol, comparece como uma entidade central e feminina), o eu poético assume sua condição feminina, em perfeita simbiose com os referentes identitários dessa etnia, colocando em circulação, no sistema literário brasileiro, a produção de suas "poetnicidades orais", contribuindo assim para o reconhecimento dessa herança cultural. Percorre o caminho da autoidentificação indígena, contrapondo-se a um contexto nacional que durante séculos impingiu o apagamento da memória do legado das culturas dos povos originários. Os três últimos poemas da coletânea "Mulher Makuxi" ("Na terra de Makunaima / Sou índia Makuxi / Sou filha e mãe de Roraima") (Ferseck, 2022, 51); "Roraima" ("Nem preta nem branca / Fugi da minha tribo / Para me perder no lavrado / Me refugiar ao Sol" […]) (Ferseck, 2022, 53); e o derradeiro poema, sem título, fecham o ciclo da travessia que conduz o eu poético ao reencontro com o outro, assumindo seu "tom de terra": "assim dessa terra filha mãe irmã tia / compartilho a veia o nome a valentia / faço deles tintura da minha poesia" (Ferseck, 2022, 55). A criação literária de Sony Ferseck reconfigura a produção literária brasileira da "escrita de si", indo além da individualidade, ao se deixar atravessar pelo outro, construindo passagens entre mundos diversos.

O percurso de autoreconstrução ontológica e antropológica, semelhante ao assumido por outras vozes de mulheres escritoras ameríndias que, na contemporaneidade, reconfiguram os sistemas literários e os imaginários das Américas, enreda elementos da autohistória (história pessoal) e da história coletiva, entrelaça aspectos da etnicidade com questões intrínsecas de gênero, inaugurando uma *escrita-praxis* que entendo como um espaço político de resistência (Olivieri-Godet, 2020). A figuração das mulheres indígenas em um dos magníficos poemas que as homenageia (Ferseck, 2022, 41) ilustra

Published in : AMANCIO, Angélica ; GUERELLUS, Natália ; QUINTANA, Cécile (dir.), *Art, femmes et colonialités en Améfrique ladine. Arte, mulheres e colonialidades na Améfrica Ladina / Arte, mujeres y colonialidades en Améfrica Ladina*, Editions des archives contemporaines, ISBN: 9782813005359, doi: 10.17184/eac.9782813005359

bem esse procedimento. O texto as projeta como mulheres capazes de reverter o lugar de invisibilidade, sujeição e silêncio que a sociedade nacional lhes impõe, fazendo-as emergir como sujeitos aptos a metamorfosear sua condição de precariedade em força primordial de transformação: "toda aquela que faz silêncio / guarda o intocável / assim permanecemos / tecendo a vida como a / fibra de um ornamento / uma língua de fumaça / que só diz palavras de cura / afiando a lâmina pela terra / em luta / nós mulheres infinitas" (Ferseck, 2022, 41). As imagens alimentam a dimensão utópica, simbolizada na cura das feridas, no âmbito da vivência individual e coletiva.

O prazer proporcionado pela minha experiência de leitura de *Weiyamî* procede, sobretudo, do trabalho de deslocamento de significados linguísticos, culturais e imaginários que tem a ver com uma certa ideia barthiana de literatura como "esplendor de uma revolução permanente da linguagem" (Barthes, 1978, 16). Os poemas de Sony Ferseck recusam o lugar-comum, as fórmulas feitas, a retórica repisada. Possuem uma potência onírica semelhante à que Bachelard identifica nas *rêveries* cósmicas dos poetas que falam do mundo em palavras primeiras, em imagens primeiras (1993, 162).

Os poemas buscam, na interação com o intertexto oral das narrativas, cantos, rezas tradicionais e mitos makuxi, reinterpretar o enigma de seus significados em constante processo transformacional, contrariamente à perspectiva que imobiliza a memória cultural indígena no passado ancestral. Instauram um espaço de (re)fundação identitária, marcado pelo processo de descolonização da subjetividade, aderindo a uma poética da relação que abraça a complexidade de uma concepção rizomática da identidade (Glissant, 1996), tensionando as diversidades culturais. Uma poética do entrelugar, como já assinalara Devair Fiorotti, "de uma mulher com características indígenas e parte de sua origem indígena que necessita se localizar em um mundo de não índios" (Ferseck, *Movejo*, "Apresentação", 2020).

A relação dinâmica entre oralidade e escritura amplia-se com o diálogo intersemiótico entabulado com as belas e desconcertantes ilustrações de Georgina Sarmento, além de tirar proveito da tensão oriunda da miscigenação linguística entre o português e a língua makuxi. Resulta desse processo híbrido de escritura um imaginário plástico denso, complexo e surpreendentemente belo que se empenha em desvelar o inefável. Poética de vida que investe na recriação de sentidos, num constante processo de ressignificação de mitos, de tradução de línguas e linguagens, de espelhamento de visões de mundo, reafirmando os princípios de uma poética em movimento, para a qual já apontava o sugestivo título, *Movejo*, da coletânea anterior de Sony Ferseck, publicada em 2020.[7]

A linguagem poética de Sony Ferseck insere-se no amplo conjunto de produções artísticas indígenas contemporâneas que se constroem no exercício da travessia de fronteiras, instaurando um espaço simbólico de mediação e exprimindo-se através de uma complexa imbricação de gêneros. Na plasticidade e originalidade de sua obra, vislumbro uma conexão com o universo das imagens de inaudita beleza do grande artista makuxi, Jaider Esbell, cuja arte também recria o patrimônio imaterial indígena makuxi; na missão de "escrever com o outro", instaurando um espaço poético e político para

[7] Para além de outros significados possíveis a exemplo de "Amor, eu vejo", sugerido pelo professor Roberto Mibielli, na sua bela apresentação do livro.

Published in : AMANCIO, Angélica ; GUERELLUS, Natália ; QUINTANA, Cécile (dir.), *Art, femmes et colonialités en Améfrique ladine. Arte, mulheres e colonialidades na Améfrica Ladina / Arte, mujeres y colonialidades en Améfrica Ladina*, Editions des archives contemporaines, ISBN: 9782813005359, doi: 10.17184/eac.9782813005359

lutar contra o apagamento da memória cultural dos povos indígenas, identifico um movimento semelhante ao das "palavras ofertadas" por Davi Kopenawa a Bruce Albert; na aposta em gerar um "lugar onde são possíveis as visões e os sonhos" (Krenak, 2019, 65), entrevejo a conexão com o pensamento de Ailton Krenak.

Inspirando-me, uma vez mais, no pensamento glissentiano para concluir este ensaio, sinalizo que a poesia de Sony Ferseck se realiza na errância da linguagem que se manifesta através de uma "língua-arquipélago" (*langue-archipel*), uma "língua-mundo" que se forma no diálogo com outras línguas e imaginários (Glissant *apud* Sofo, 2022), inaugurando uma pluralidade de mundos em conexão. Um fazer poético aberto à multiplicidade dos "*existants*"[8] e às suas diversas modalidades de existir (Latour, 2015, 50), enraizado na cosmogonia ancestral das artes verbais indígenas.

A vida pulsa, surpreende e ilumina caminhos abertos à "alteridade vertiginosa dos *existants*" (Latour, 2015, 50), nos poemas reunidos em *Weiyamî – Mulheres que fazem sol*, de autoria da neta de Wei, a sol – fonte inesgotável de luz.

Bibliografia

Bachelard, Gaston. "Rêverie et cosmos". *La poétique de la rêverie*. Paris: PUF: 1993.

Barthes, Roland. *Leçon*. Paris: Seuil, 1978.

Cesarino, Pedro de Niemeyer. *Oniska*: poética do xamanismo na Amazônia. São Paulo: Perspectiva/Fapesp, 2011.

Ferseck, Sony. *Pouco verbo*. Boa Vista: Máfia do verso, 2013.

Ferseck, Sony. *Movejo*. Boa Vista: Wei Editora, 2020.

Ferseck, Sony. Weiyamî – *Mulheres que fazem sol*. Boa Vista: Wei Editora, 2020.

Ferseck, Sony [Sonyellen Fonseca Ferreira Fiorotti]. *WEIYAMÎ PATA'MAIMU OU A POÉTICA DO OCRE*: as palavras do sol nos territórios da literatura. Tese de Doutorado. Niterói-RJ, Universidade Federal Fluminense, 2023.

Ferseck, Sony. Entrevista. Livro de escritora makuxi finalista no Prêmio Jabuti reúne poemas sobre mulheres indígenas – São Paulo Jornal, 23/11/2023. https://saopaulojornal.com.br/noticia/110292/livro-de-escritora-makuxi-finalista-no-premio-jabuti-reune-poemas-sobre-mulheres-indigenas.html

Carvalho, Fábio Almeida de. *Descentralização da vida literária*. Teoria, Crítica e Autoria em tempos de diversidade. Rio de Janeiro: Ed/ UFRR/Edições Makunaima, 2021.

Faleiros, Álvaro. *Traduções canibais*: uma poética xamânica do traduzir. Florianópolis: Cultura e Barbárie Editora, 2019.

Fiorotti, Devair. "Taren, eren e panton : poetnicidade oral Makuxi". Estudos de literatura brasileira contemporânea, n. 53, 101-127, jan./abr. 2018, 101-127. https://www.scielo.br/j/elbc/a/fzmLm7XjJsvFCzNRYcHgxdD/?lang=pt

Fiorotti, Devair. "Apresentação". In : FERSECK, Sony. *Movejo*. Boa Vista, Wei Editora, 2020.

Foessel, Michael. *La privation de l'intime*. Mise en scène politique des sentiments. Paris : Seuil, 2008.

Glissant, Edouard. *Poétique de la Relation*. Paris : Gallimard, 1990.

Glissant, Edouard. *Introduction à une poétique du divers*. Paris : Gallimard, 1996.

Jakobson, Roman. *Essais de linguistique générale*. Paris : Minuit, 1963.

[8]Na obra de Latour, o termo *existants*/ "existentes" remete à pluralidade de modos de existência em consonância com o conceito de pluriverso. Ver Latour, *Enquête sur les modes d'existence. Une anthropologie des Modernes*, 2012.

Published in : AMANCIO, Angélica ; GUERELLUS, Natália ; QUINTANA, Cécile (dir.), *Art, femmes et colonialités en Améfrique ladine. Arte, mulheres e colonialidades na Améfrica Ladina / Arte, mujeres y colonialidades en Améfrica Ladina*, Editions des archives contemporaines, ISBN: 9782813005359, doi: 10.17184/eac.9782813005359

Kopenawa, Davi e Albert, Bruce. *A queda do céu:* palavras de um xamã yanomami. Tradução de Beatriz Perrone Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

Krenak, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo.* São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

Krenak, Ailton. "Comecem a produzir floresta como subjetividade como uma poética de vida". Revista IHU on-line. 10/12/2021. https://amazoniareal.com.br/comecem-a-produzir-floresta-como-subjetividade-como-uma-poetica-de-vida-diz-ailton-krenak-a-plateia-portuguesa/

Latour, Bruno. *Face à Gaïa.* Paris : La Découverte, 2015.

Latour, Bruno. *Enquête sur les modes d'existence.* Une anthropologie des Modernes. Paris : La Découverte, 2012.

Martins, Maria Sílvia Cintra. *O poder das palavras*: em sua força poética, xamânica, tradutória. Campinas: São Paulo, 2020.

Olivieri-Godet, Rita. *Vozes de mulheres ameríndias nas literaturas brasileira e quebequense. Rio de Janeiro: Edições Makunaima, 2020.* http://www.edicoesmakunaima.com.br/images/livros/vozesdemulheres%20amerindias.pdf

Olivieri-Godet, Rita. "Arquivos orais e memória cultural: a emergência de outras palavras nos diálogos interamericanos". In: COELHO, Haydée Ribeiro e AMORIM, Elisa (org.). *Modos de arquivo*: literatura, crítica, cultura. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Batel, 2018, 293 – 317.

Olivieri-Godet, Rita. « *Weiyamî – Mulheres que fazem sol* : o ritual poético de Sony Ferseck". Resenha. In: Pietrani Anélia; Oliveira Neto, Godofredo; Olivieri-Godet, Rita (Orgs.). *Escritoras indígenas contemporâneas.* Dossiê de Literatura da Revista *Diadorim* (UFRJ), v. 24, n.1 (2022), 523-529. file:///C:/Users/ritag/Downloads/eliete,+DIADORIM+FINAL-523-529\%20(2).pdf

Siuoi, Georges.*Pour une histoire amérindienne de l'Amérique.* Québec : Presses de l'Université Laval, 2005.

Sofo, Giuseppe. Pour une « langue-monde ». Évolution de la pensée sur les langues et les langages dans l'œuvre d'Édouard Glissant. *Francosphères* (2022), 11 (1). Liverpool University Press. Disponível em https://www.liverpooluniversitypress.co.uk/journals/id/70/volume/11/issue/6683.Acessoem20/08/2022.

Viveiros de Castro, Eduardo. *A inconstância da alma selvagem – e outros ensaios de antropologia.* São Paulo: Cosac Naify, 2002.

Published in : AMANCIO, Angélica ; GUERELLUS, Natália ; QUINTANA, Cécile (dir.), *Art, femmes et colonialités en Améfrique ladine. Arte, mulheres e colonialidades na Améfrica Ladina / Arte, mujeres y colonialidades en Améfrica Ladina*, Editions des archives contemporaines, ISBN : 9782813005359, doi : 10.17184/eac.9782813005359